

Sistema vicioso

A pronta substituição do senador Guilherme Palmeira na chapa do candidato da coligação PSDB-PFL-PTB foi um ato de realismo político que levou em conta, sobretudo, as exigências de natureza moral que a opinião pública passou, nos últimos tempos, a cobrar daqueles que pretendem cargos de representação popular. Feita a denúncia quanto ao comportamento de membros do escritório político do senador Palmeira e apresentadas evidências que deram plausibilidade ao que a ele fora imputado, o comando político da campanha do senador Fernando Henrique Cardoso não hesitou em colocar a situação em termos diretos.

A coligação demonstrou, agindo de maneira eficiente e inteligente, estar mais em conformidade com os tempos que correm do que o PT, que deixou a agonia da candidatura do senador José Paulo Bisol se prolongar dolorosa e desnecessariamente. Não pretendemos, com esta afirmação, estabelecer paralelos entre as acusações que infelicitaram a trajetória política e pessoal dos dois homens públicos. Também não nos interessa, no momento, se o substituto do senador Palmeira trará mais ou menos votos para o candidato tucano. O que é preciso ressaltar é que, diante de denúncias igualmente desqualificativas das candidaturas, as reações foram distintas no tempo e na intensidade, fato que deixa evidente haver, entre as cabeças das duas campanhas, uma con-

siderável diferença no tratamento de questões éticas.

Esta, infelizmente, é a superfície do problema. Águas turvas e turbulentas correm sob a ponte da qual se arrojaram, em questão de dias, duas reputações e duas candidaturas a vice-presidente da República. Duas candidaturas importantes, representando partidos tidos como sérios, afogaram-se, puxadas para o fundo pelo peso do escândalo, porque seus titulares se deixaram apagar pelo processo interno de fazer política no Congresso. É um sistema perverso, criado ao longo das últimas duas décadas, que acumula a privilégios indevidos práticas que banalizam a irregularidade, a ilegalidade e a imoralidade. Quantos, no Congresso, poderão atirar a primeira pedra contra aqueles que usufruíram de financiamentos a juros módicos; que deixaram de ser executados por inadimplência; ou que tomaram emprestado sem oferecer garantias? Quantos, no Congresso, poderão atirar a primeira pedra contra aqueles que assinaram emendas ao Orçamento sem lhes ler o texto; que o fizeram para atender a pedidos de amigos ou correligionários; ou que fizeram do Orçamento da União um instrumento de promoção pessoal e política? Quantos, no Congresso, poderão atirar a



primeira pedra contra aqueles que forjaram em proveito próprio benefícios excessivos, diretos ou indiretos; que permitiram a criação de uma casta privilegiada no serviço público; ou que nomearam parentes e amigos?

Instalou-se no Congresso, há muito tempo, a cultura do acúmulo, do relaxamento dos padrões éticos e morais e fez-se isso da maneira mais perversa possível: tornando normal o privilégio, fazendo corriqueira a infração aos padrões normais de comportamento individual ou coletivo, tornando justificável e perdoável o desmando, como se excessos e deboches somente se praticassem fora do recinto do Legislativo. O que se fez no Congresso ultrapassa o espírito de corpo. Teceu-se lá a cultura da lassidão moral, que se reflete em normas e regulamentos que abrigam aberrações, a ponto de, por exemplo, ser normal, há anos, que o Orçamento seja esta caixa comum da qual cada um tira o quanto quer, para o que quer, sem qualquer controle. Em ambiente assim, a rigidez ética passa a ser entendida como sinônimo de ingenuidade, qualidade absolutamente incompatível com a profissão política. Daí...

Os episódios da substituição dos dois candidatos a vice-presidente, como não poderia dei-

xar de ser, têm um lado positivo. Revelaram que existe ao menos um núcleo de políticos sensível às pressões da opinião pública, e que esta, por sua vez, está atenta, de olhos abertos, ativa e persistente. É assim, afinal, que se mudam costumes políticos. Dificilmente estes são sanados de uma penada, embora existam medidas capazes de reduzir de inopino certas camadas de poluição moral. O recado que a opinião pública está transmitindo à classe política é constante: é

A estrutura viciosa do Congresso explica os escândalos que envolveram os candidatos a vice

permanente, como já entenderam as coligações lideradas pelo PT e pelo PSDB, mas ainda foi incapaz de perceber este lamentável partido que é o PMDB.

A esperança, recheada de otimismo, é que as próximas eleições depurem o que o Congresso tem de pior em seus quadros e assim o sistema vicioso possa ser quebrado. Esperança cheia de otimismo, dizemos, porque o atual Congresso foi renovado em mais de 60% e nem por isso poupou a cidadania dos terríveis escândalos que consumiram a maior parte do tempo dos parlamentares, este ano, ou se preocupou em extirpar da vida institucional as causas de tanta aberração.